

A NOTRE-DAME DE PARIS

RIO DE JANEIRO. — OS PRIMEIROS ARMAZENS DO IMPERIO NA ESPECIALIDADE DE FAZENDAS E MODAS. — RIO DE JANEIRO.

PREÇO FIXO

RUA

DO

OUVIDOR



E A' VISTA

LARGO DE

SÃO

Francisco de Paula

E

TRAVESSA

DO

ROSARIO

NOËL DÉCAP

O systema de vender com pequeno lucro e a maior boa fé é absoluto no estabelecimento de NOTRE-DAME DE PARIS.

A este principio, sincera e lealmente applicado, é devida uma accitação nunca desmentida até hoje. E' franca a entrada no estabelecimento.

Em cada objecto ha um rotulo, no qual se acha marcado em algarismos o *preço fixo*.

Toda e qualquer mercadoria comprada que não corresponde á garantia dada ou não agrada, é sem difficuldade trocada ou o seu importe restituído, á vontade do comprador.

Quer se deseje visitar os armazens ou fazer compras, quer tomar informações, pedir troca de artigos ou restitução do seu importe, em todos os casos é prescripta aos empregados a maior cortezia. Devem elles apontar qualquer defeito das mercadorias e afiançar tão sómente as reconhecidamente boas.

Roga-se ás pessoas que tiverem de apresentar reclamações o favor de dirigirem-se á *Caixa*, onde serão sempre tomadas em consideração as suas queixas.

A administração remette, livres de despeza, para as provincias, ainda as mais afastadas, as amostras e preços correntes que lhe são pedidos, responde sem demora a todas as cartas, avia com toda a brevidade os artigos encommendados e manda por circular aos seus freguezes e ás pessoas que lhe communicarem o seu nome e residencia avio das *Exposições e Vendas annuaes*.

Para as encommendas por cartas, taes como confections e costumes, quer para senhoras, quer para crianças, mandar um corpinho que assente bem.

AS NOSSAS GRAVURAS

COTILHÃO

Aproveitamos a entrada do inverno para offerecer ás nossas leitoras algumas regras da dança que tem-se tornado de alguns annos a esta parte o indispensavel complemento final de todos os saráus elegantes em quasi toda a Europa.

O Cotilhão é uma dança figurada na qual todos os cavalheiros e damas tomam parte.

Geralmente os pares formam-se no correr da festa assim como para as polkas, valsas ou quadrilhas, isto é, o cavalheiro escolhe o seu par, segundo as formulas consagradas, pedindo-lhe que lhe conceda a honra etc., etc. Ha entretanto um uso novo que consiste em reunir em uma cesta tantos lacinhos de fita, em duplicata de cada cor, quantos forem os pares. Cada dama tira um par de laços, prende um d'elles ao corpinho e condecora com o outro ao cavalheiro que escolhe.



Forma-se então uma roda immensa de todos os pares sentados, começando, com o par conductor, o qual geralmente compõe-se da dona da casa ou de sua filha e do respectivo cavalheiro.

A escolha do conductor de cotilhão é cousa importante para que as figuras se executem em ordem, rapidez e sem confusão. -Cumpre que o conductor tenha um certo habito de taes funções para preencher-as com satisfação para todos.

A principio esta dança executava-se com alguns accessorios apenas: alguns calices de punch, agua assucarada, um leque, uma almofada, a pouco e pouco foram se augmentando o numero das figuras a ponto de serem ellas tão numerosas e variadas que pôde durar horas sem parar.

A orchestra toca valsa ou polka em reuniões de cerimonia e pode tambem tocar masurka, ou schottish em reuniões intimas, sendo licito aos executantes passarem de uma para outra dança de vez em quando para mais variar o divertimento.

O conductor dá um signal e todos os pares começam a valsar parando logo que seja dado novo signal. O par conductor separa-se então; a dama vai chamar dois cavalheiros e o cavalheiro duas damas e collocando-se os dois tercetos em frente um ao outro executam um *en avant six* apóz o qual cada par toma a dama que lhe esta de frente e partem todos seis valsando.

O par conductor começa todas as figuras.



O leque. O conductor leva a sua dama ao centro da roda fazendo-a sentar e em seguida entrega-lhe um leque. Vai depois buscar duas damas que faz sentar de cada lado da conductora, porem de costas viradas. A conductora então entrega o leque ao cavalheiro

que perdeu a dama e que repelle e dá duas ou tres rodas de valsa com o outro cavalheiro, devendo o que recebeu o leque seguir o par abanando-o.



O Tunnel. Figura geral. Todos os pares fazem uma roda de valsa e em seguida *promenade*, de braços dados, tendo á frente o par conductor; a um signal d'este param e formam abobada por baixo dos quaes passam todos os pares, indo formar arco na extremidade até terem todos passado. Termina por dança geral.



O espelho. Uma dama é levada ao centro pelo conductor e recebe d'este um espelho. Os outro cavalheiros vêm collocar-se por traz de sua cadeira de forma que o seu rosto se reflecta no espelho. A dama apaga com o lenço a physionomia do espelho que lhe não agrada e manifesta de qualquer forma á que lhe agrada, dansando com elle.



As faxas. Todos os cavalheiros formam roda de costas para o centro e giram com velocidade. No centro uma dama a quem o conductor previamente entregou um chale ou uma fxa lança este sobre as costas de um dos cavalheiros, a roda pára e a dama dança com o escolhido.



A almofada entrega-se a uma dama que segurando-a por um canto espera que cada um dos cavalheiros venham ajoelhar sobre a parte da almofada que está sobre o soalho. Se não acceta o cavalheiro pucha a almofada e elle ajoelha no soalho, se porem o acceta deixa-o ajoelhar na almofada apóz o que dão algumas voltas ao som da musica, e é conduzida ao seu lugar. Todos os cavalheiros repellidos devem ir collocar-se atraz da dama um a um e quando a dama tenha escolhido cavalheiro a cauda dos repellidos deve seguir o par nas sinuosidades que fizerem dansando.



As flôres, animaes, emblemas. O par conductor separa-se; a dama escolhe dois cavalheiros e diz-lhe que escolham nomes de animaes e em seguida vai a cada dama apresentando-lhe os dois *bichos* e pergunta-lhe qual o animal que prefere; se a perguntada acerta com o nome adoptado por um dos dois, dança com este. Durante esse tempo o conductor faz o mesmo com duas damas, as quaes adoptam nomes de flôres. Pode-se, está claro, substituir os nomes de flôres e animaes por emblemas como: força, coragem, civismo, etc., para homens, e graça, belleza, candura etc. para senhoras.



As alas de costas. O conductor valsa ou polka e ao passar junto a certos pares que escolhe, chama-os para o centro da sala. Ahi os cavalheiros formam uma ala e as damas outra ala, estando as duas alas de costas voltadas. O conductor faz alterar a ordem em que se acham as pessoas e dá um signal indicando que cada um faça meia volta e parta dansando com o par que lhe fica em frente; o conductor porem, n'essa occasião apodera-se de uma das damas e entrega ao cavalheiro que fica só, uma touca de senhora que é obrigado a conservar na cabeça e dançar só até os pares acabarem.



A bola. O conductor traz uma cesta com uma porção de bolas de lã de cores diversas, e offerece uma a cada dama. O conductor dá então um signal e cada dama

tira a bola que escolheu no centro da sala. Cada cavalheiro precipita-se então para apanhar a bola tirada pela dama com quem quer dançar, por isso a posse da referida bola dá-lhe o direito de dançar com a pessoa que a atirou, até que o signal de parar, dado pelo conductor faça voltar cada um ao seu lugar.



O caldeirão. Trasmem no centro do salão um caldeirão com legumes: cenouras, batatas, conve, alface, espalho, etc., e em uma pequena cesta deixa-se cada dama escolher um papelinho sobre o qual está scripto o nome de uma hortaliça. Cada cavalheiro recebe um garfo e sem olhar dentro do caldeirão, espetta um dos legumes. O legume que lhe deu o acaso dá-lhe o direito de dançar com a dama cujo papelinho traz o nome do tal legume. Durante a dança cada cavalheiro deve conservar o respectivo legume espetado.



A trombeta de Jerichó. O cavalheiro conductor distribue a cada dama uma trombetinha de criança a qual se acha atada uma fita de côr, e guarda para si uma trombeta que tenha outras tantas fitas de cores diversas quantas forem as que distribuiu. Em seguida toca uma aria de poucas notas e um cavalheiro aproxima-se para tirar da trombeta uma das fitas. A dama cuja trombeta tem o distinctivo igual toca então uma aria para manifestar que a ella compete o cavalheiro, e quando d'este modo a trombeta do conductor fica desguarnecida de fitas, começa a dança geral de todos os pares.



Os arcos de papel. Os cavalheiros formam roda de costas para o centro. Entra no centro uma senhora com um arco forrado de papel, e quando a roda tenha girado, a dama arrebenta o papel na cabeça de um cavalheiro o qual fica sendo a sua presa. Entra outra dama armada de arco e faz do mesmo modo até que a roda reduzida

a dois cavalheiros não podendo mais conter ninguém estes dois cavalheiros seguem todos os outros pares tomando parte no bailado geral.



Os floretes e argolas. Distribue-se aos cavalheiros floretes e ás damas argolas de ferro, tendo cada uma marca especial. A um signal dado, as damas atiram as argolas no chão e cada argola deve ser apanhada por um cavalheiro por meio do fivete. Os que o conseguem, dançam com a dama a quem pertenceu a argola, e os outros continuam a esgrimarem-se contra o soalho até o signal de fim da figura.



Os cosacos. Chamam-se cosacos umas immensas balas de estalos que se vendem nas confeitarias e que contêm um toucado grotesco, de papel de seda. O conductor offerece em uma cesta um cosaco a cada dama e esta dirigindo-se a um cavalheiro pucha com elle para fazer rebentar o estalo, e em seguida tirando o barrete contido colloca-o na cabeça do seu cavalheiro, feito o que dá com elle, dansando, duas ou tres voltas no salão.



Geralmente termina o cotilhão por uma figura geral a qual consiste em formarem-se todos os pares e em *promenade* irem cumprimentar os donos da casa, os quaes para esse fim se acham sentados de um lado do salão.

Por ahí se vê que podem ser multiplicadas ao infinito o numero das figuras, as nossas leitoras poderão por meio deste exemplo idearem muitas outras, cada qual mais engraçada e espirituosa e dadas as condições em que sabem divertir-se pessoas de boa sociedade, esta dança dá aso á passarem horas muito agradaveis, semelhando-se com os antigos jogos de prendas, sem terem a monotonia d'esse passa tempo que tanto prazer proporcionava aos nossos avós.

HYGIENE

O VINHO DE SÃO RAPHAEL

(CONTINUAÇÃO)

A natureza tem meios de preparação e segredos de alambique, que a sciencia não pôde alcançar, e que fornecem á arte de curar agentes muito mais efficazes que os que são preparados pela chimica. Assim, o ferro, sob as diversas formas em que se emprega, não é facilmente assimilavel, subtrahe-se á acção digestiva, ou então produz no organismo efeitos de irritação ou de escandecencia, que não permitem continuar seu emprego por muito tempo. Outro tanto se dá com o iode, e com outras substancias, cuja acção poderia ser tão grande, e cujo emprego directo apresenta numerosos inconvenientes, e muitas vezes perigos.

Se, pelo contrario, pedimos á propria natureza, e não á chimica, o ferro e o iode, fornece-nol-os ella sob formas perfeitamente assimilaveis, e em um estado de preparação que faz com que se alliem á economia, sem acciões, sem repulção nem eliminação.

Pelas mesmas razões, quando se trata do uso das preparações de quina, importa muito saber qual é, d'entre os nossos productos naturaes, aquelle que encerra, em maiores proporções, o principio desta substancia, e nas condições felizmente praticas de um dos agentes da nutrição.

Por esses diversos motivos, deve collocar-se no primeiro lugar, entre os adjuvantes naturaes, o vinho tannico de São Raphael, cuja excellencia foi particularmente assignalada pelo Sr. Bouchardat, antigo presidente da Academia de Medicina.

Foi por conselho do eminente chimico Soubeiran que o Conselho dos Hospitales de Paris adoptou esse vinho, hoje recitado diariamente. A observação e uma longa experiencia têm provado que não podia aproveitar-se de melhor agente. Nenhum ha que encerre mais tannino e materias corantes tónicas; nenhum ha que contenha mais ferro natural; pois este metal é tanto mais abundante nos vinhos quanto são estes mais ricos em côr.

Achão-se, pois, reunidos neste precioso alimento, sob a forma mais conveniente, todos os principios mais proprios para reparar as perdas da economia.

Em uma dissertação publicada pela *Union médicale*, um escriptor distincto, o Sr. M. E. Bégin, exprimiu-se assim:

« Todos os grandes medicos que se têm succedido nos hospitales de Paris têm prescripto diariamente o vinho tannico de São Raphael. Entre os mais illustres, que já não existem, citaremos: Magendie, Rostan, Chomel, Requin, Monneret, Trousseau, Grisolle.

« Eis-aqui as condições em que se administra mais frequentemente: Sempre que se trata de levantar o nivel das funcções de nutrição, não ha remedio que seja mais bem indicado. Assim é que elle presta grandes serviços nos casos de anemia, de empobrecimento geral da economia com languidez das funcções digestivas, pelo que é de magna utilidade para as pessoas debilitadas, e convalescentes. Quando nenhum outro agente reparador pôde ser digerido, este vinho, com effeito absorve-se sem soffrer outra modificação senão a que resulta da sua mistura com o succo gastrico; nas febres intermitentes e nas convalescências lentas, pequenas doses convenientemente renovadas prestão diariamente grandes serviços.

« Nas formas mais variadas da debilidade, este excellento tónico produz efeitos maravilhosos. Convem igualmente todas as vezes que se quer reanimar as forças vivas da economia e, em particular, nas hemorragias passivas, sobre tudo, nas perdas uterinas e fluores brancos que, em muitas mulheres, persistem com tanta renitencia.

« A experiencia demonstra que o uso de um cordial tannico, cujo typo é o vinho de São Raphael, determina o equilibrio das funcções, e, por isso mesmo, pôde prolongar a existencia além dos limites ordinarios. A observação prova tambem a verdade desta conclusão. Todos os dias, nos hospitales de Paris, emprega-se para reanimar as forças, e para restabelecer a energia das funcções digestivas dos doentes enfraquecidos pela velhice ou pela molestia.

« O vinho de São Raphael está muito acima do vinho de quina por seu sabor infinitamente mais agradável. Não ha remedio mais apreciado pelo doente; deve tomar-se ao terminar cada comida, na dose moderada de meio caliz, sendo este do tamanho d'aquelles em que se bebe o vinho fino de Bordéus. »

(*Union Médicale*, 9 de Maio e 14 de Junho 1873).

Não somente o vinho de São Raphael é agradável ao gosto, como os vinhos doces mais delicados, mas tambem não produz a sensação de ardor dos liquidos alcoolicos, nem tem o gosto aspero e amargo das preparações de quina. É amplo, macio ao paladar, doce sem excesso e quente no estomago. A tal respeito, corre parellas com os melhores vinhos de França e de Hespanha; mas, occupa, inquestionavelmente, o primeiro lugar entre os vinhos recommendados como tónicos e fortalecedores, os vinhos corroborantes, em uma palavra, destinados, mesmo em razão de sua força, não serem tomados senão em pequenas proporções.

Fallando da oportunidade muito especial dos vinhos tannicos, o Sr. Dr. Nonat declara-os particularmente efficazes pelos principios astringentes e tónicos pue elles encerrão, e Chomel reconheceo, no seu *Tratado das Dyspepsias*, que na idade madura, e mais ainda na idade avançada, estes vinhos, tomados em proporções moderadas, são de grande efficacia para favorecer o trabalho digestivo. No clima de Paris, nos paizes frios, nas regiões quentes e humidas, esta indicação é, no seu parecer, ainda mais instante nas mulheres e crianças, com o duplo fim de provocar um calor interno, com o qual resiste-se melhor ás condições da atmospheria, e se facilita a acção do aparelho digestivo.

Sabe-se que os symptomas que acompanhão o estado morbido desse aparelho são os seguintes: um incommo-

do, de intensidade variavel, em todo o aparelho digestivo; as mais das vezes, um mal-estar indefinido, peso, sensação vaga de inchaço e plenitude; uma especie de repugnancia em mover-se, indiferença para a conversação; cabeça pesada, frequentes enxaquecas, e algumas vezes vomitos; em seguida somnolencia imperiosa depois da comida, e de noite, durante o somno normal, agitação, sonhos molestos e pesadelos.

Para restabelecer a harmonia nestas funções alteradas, e restituir ao estomago a abundancia do succo gastrico, do qual depende a energia de sua acção, não ha agente mais natural e ao mesmo tempo mais efficaz do que o *lanino*.

GERMOND DE LAVIGNE.

(Continúa)

LITTERATURA

O CADERNO VERDE

(Continuação)

IV

— Sabiu! disse M^{me} Baudouin a Ricardo com um gesto consternado.

— Sabiu...? quem?

— A senhora.

— E o que tem isso?

A tia approximou-se mysteriosamente do sobrinho.

— O correio trouxe uma carta, e foi lida com commoção; vestiu-se a toda pressa e sahiu dizendo: « Só voltarei ás seis horas, si voltar. »

— Como! si voltar! exclamou Ricardo... levou malas? acrescentou, imaginando já que sua mulher propunha-se atravessar a Mancha.

— Não, sahiu como de costume... o véo é que me pareceu muito espesso.

— Ah! sim, bem sei, lembro-me agora, replicou Ricardo, segundo o seu systema de apparente indiferença. Ah! é verdade, minha tia, tenho de mandar levar ao escriptorio uma somma importante, e preciso mandal-a já. Quer fazer-me o favor...?

— Vou já pôr o chapéu, interrompeu M^{me} Baudouin, lisongeada de inspirar uma confiança tão pouco merecida.

Ricardo entrou no seu gabinete, dobrou em quatro algumas folhas de papel em branco, escreveu n'uma d'ellas:

« Detenha M^{me} Baudouin durante uma boa hora, sob o pretexto de esperar uma resposta... » e fechou-as n'uma grande sobrecarta, dirigida ao seu primeiro caixa.

O seu fim era não ser surpreendido, nem interrompido, nas buscas bem pouco conjugas que se dispunha a fazer no quarto de sua mulher. Era-lhe a todo o custo necessaria a carta que o correio deixára; ora, a menos que Edith a houvesse queimado, rasgado ou levado consigo, achal-a-hia em certo movel de pau rosa, refugio habitual das correspondencias mais ou menos secretas.

Dizia-lhe uma voz interior: « O que vaes fazer é covarde, vergonhoso, indigno de um cavalheiro. » O ciuime porém gritava mais alto e ensurdecia-o.

Todas as chaves estavam espalhadas sobre o fogão.

Implicava isso innocencia; mas Ricardo pensou consigo que as mulheres são tão audaciosamente perfidas que fazem trincheira da propria imprudencia.

A pipeleira de Boule, as commodas, a secretária, até as caixas de joias, nem um canto escapou ás suas buscas. Nada! sempre nada! cartas de Clara, de M^{me} Fremont, da Irman Santa Agostinha, de M^{me} Vergue, delle proprio, durante uma rapida viagem que fizera a Vienna para liquidar certos negocios. Nenhum vestigio de Marquez, de Leonel ou de Châteauneux.

As garatujas — que auctorisavam Clara a suppôr que sabia escrever — pacientemente ou, melhor, impacientemente decifradas, da primeira á ultima linha, em nada o adiantaram.

Pensam talvez que o corretor regosijou-se com essas buscas abortadas? Seria conhecer pouco os ciuimentos. Aos seus olhos, o silencio calculado de Clara com respeito a um homem que a occupava tanto, era por si só uma revelação. Era preciso acabar! Quanto mais bem escondido estivesse, mais flagrante era o crime.

Finalmente, ao cabo de muitas pesquisas, o sr Cellières vio, no fundo da secretária, um compartimento sem fechadura, sem botão, trahido por uma simples chanfradura, destinada á pressão da unha.

(Continúa)

A CIDADE E OS THEATROS

Era uma vez a *Mascotte*...

Sabem o que é uma *mascotte*? Não, não é? E por causa do conservatorio dramático muita gente ainda não o sabe, ou ficou por saber-o.

Mas sabem o que é um *caipora*? E' um caboclinho que traz a gente toda a sorte de infelicidades, que nos encaipora, como se diz. Pois bem, a *mascotte* é justamente o inverso, uma especie de anjo da guarda, um protector poderoso, um santantoninho milagroso, que dá ventura a todos os homens e noivo a todas as moças que ella protege e ampara.

Pois apezar de todas essas virtudes, a *Mascotte* foi prohibida, condemnada ao Indice, como immoral, indecorosa, indecente, pelo conservatorio dramático...

Por esse mesmo conservatorio dramático, de cujo seio, não ha muito, sahiu a *Decorophobia*!

Assim, de nada serviram os versos mais do Exmo. Sr. barão de S. Felix, o seu poema não passou d'uma grande cataplasma, sem o mínimo effeito prophylactico! O decoro triumphou, e D. Virtude, a boa e santa velha, deve ter tido, d'esta vez, os seus mais doces momentos de justa satisfação vendo a febre de decencia que accommetteno o nosso conservatorio dramático!

Santa febre, essa do decoro contra a immoralidade! a mim, confesso, não me desagrada a propaganda da folha de vinha contra o impudor. Mas haveria realmente offensa á moral nos tres pequenos e graciosos actos de Chivot e Duru? e qual essa phrase impudica, sem vergonha e reles que fez corar o conservatorio? — *Voici le vinaigre!* responde a Censura, vermelha de vergonha como um rabanete maduro.

Eu tomo o dictionario — e se ha livros immoraes, são os dictionarios — e copio: « vinagre, s. m. (do francez *vinagre*, de *vin* vinho, e *agre* azedo) a calda doce, ou mosto de certos fructos e grãos farinaceos, que depois de entrar na fermentação vinosa, passa a azedar »; *voici* é um adverbio innocente; *le* um artigo, que chega a ser ingenho...

Onde está então o gato?

Mas fallemos seriamente... A virtude é assaz respeitavel, e a questão da moralidade nas peças theatraes bastante seria.

Eu tambem tenho, como outro qualquer o zelo da virtude e o respeito da moral, e livre-me Deus de allegar como tantos outros que á verdadeira innocencia nada offende, porque ella nada entende de offensivo; ou de dizer como o *Times* que as meninas vão para o collegio, não. Mas se levam a censura tão longe, se teimam em ver em cada palavra um logogripho de indecencia, se esmiuçam cada phrase com essa malicia fradesca, com esse afan de impudor...

Se vão emfim obstinadamente além das intenções dos autores, então fechem d'uma vez os theatros, porque não ha peça que resista a tanto zelo, que supporte tão interessada analyse. E o que será então de *Lucrecia Borgia*, de *Cromwell*, de *Antony* e de tantos outros livros venerandos cujos autores são bastante graves para não pensar em trocadilhos? E, fóra do theatro, a *Biblia*, a santa *Biblia*, o que será d'ella?

Nenhum livro, nenhuma peça escaparia a semelhante censura.

Não ha peior immoral do que aquelle que em tudo quer ver immoralidades: e, á força de querer tornar a virtude respeitavel, corre-se o risco de a tornar aborrecida, e, por consequente, ridicula!

E agora, depois d'esta longa tirada philosophica, eu bem quizera reatar o fio do assumpto; mas devo ainda fallar-vos da *Mascotte*? Justa—injustamente, é fructo prohibido, e eu teria ares da serpente endeusando a maçan, para tentar a linada Eva. A leitora que se console portanto da *Mascotte*, indo ao Pedro Segundo ver *Carmen* que vale qualquer outra opera e muito mais do que muitas outras.

O libretto de *Carmen*, de Meilhac e Halevy, é escripto sobre o bello romance do mesmo nome, de Prosper Mérimée. *Carmen*, ou *Carmencita*, para fallar como Escamillo, um dos seus adoradores, é uma bohemia; não uma d'essas bohemias de contração, como ha tantas, mas uma verdadeira bohemia, a trevida, meio selvagem e caprichosa, de olhos negros e promettedores, que teve um capricho por D. José, da cavallaria hespanhola. Este, seduzido pelas graças ferozes da bella gitana, deserta e lança-se como um perdido—ou um apaixonado—em todas as aventuras escabrosas da vida bohemia. Mas os amores, ou os caprichos de *Carmen* são como as rosas de Malherbe, duram horas, como diz o toureiro Escamillo, por quem ella despreza D. José, o qual, desesperado de amor e de ciuime, apunhal-a cigana e deixa-se prender sem resistencia, como um apaixonado serio.

Sobre este libretto simples e bem feito, o infeliz Bizet, que tão pouco sobreviveu á sua opera, escreveu a magnifica partitura, bella, original, muito original, em que, sobretudo, a graça seductora e a energia selvagem de *Carmen* são traçadas por mão de mestre; a habanera

*L'amour est enfant de Bohême,
Il n'a jamais connu de loi...*

do primeiro acto é graciosa e caracteristica. Ainda d'este acto, citaremos o duo

— Eh bien, parte... ma mère
— J'apporte de sa part, fidèle messagère

é d'uma ternura, d'uma suavidade encantadora.

No segundo acto, a entrada de Escamillo está escripta com elevação e é do mais bello effeito. Finalmente voltando á minha phrase, é uma partitura bella, original, muito original.

M^{me}. Paola esteve admiravel, radiante de graça e de verdade no papel da protagonista; é preciso notar as suas toilettes de cigana, caracteristicas e de grande riqueza.

A M^{me}. Leroux coube ainda uma boa parte do successo da opera, pelo mimo com que cantou e desempenhou o sympathico papel de Micaela.

E' preciso citar ainda com louvor MM. Mauris e Nigri. No papel de Mascarillo, estrou o barytono Maugé. M. Maugé, que parece antar com algum esforço, possui todavia uma boa voz e uma presença muito agradável. E' correcto no gesto, elegante nas suas posições.

Acrescente-se a isso uma boa ensenação, riqueza e boa caracterisação nos costumes, e estão ahí a primeira e a terceira representações de *Carmen*, que bem fazem esquecer as indecisões da segunda.

A leitora esteve naturalmente domingo no Prado Flumi-

nense—havia lá tanto rosinho mimoso!—e dispensa-me por consequente, d'uma descripção, que ficaria muito aquem do que a sua curiosidade feminina pôde observar.

Não notou porém, estou certo, na pequena aranha de brilhantes que uma das nossas elegantes trazia ao peito, o porte-bonheur, ainda em moda que substituiu o porquenho, o qual, por sua vez, tinha substituido o elephante que já tinha substituido o lagarto.

Usam-se de granada,—são os mais economicos, sem serem os de menos gosto,—de saphira, de esmeralda e de brilhante; mas, a titulo de observação, o chique é trazer-os a noite.

Assim o quer a legenda e... a moda.

Não são do meu programma as noticias tristes; mas pôde-se parar a lagrima que rebenta d'um sentimento sincero?

A morte acaba de arrebatou um homem de talento e de coração, o jornalista cheio de vida e que foi outr'ora um mimoso folhetinista. Quem o leu nos rodapés do *Jornal do Commercio* e da *Gazeta de Noticias*, ha de se lembrar com sincera saudade d'aquelle que se chamava Ferreira de Menezes.

DANTAS JUNIOR.

FERREIRA DE MENEZES

6 de Junho de 1881.

Impressionou viva e profundamente a população desta capital o fallecimento deste amavel rapaz, de prevenido e bom, que em tanta maneira honrou a despremiada, mas nobre profissão de escriptor.

O seu estylo rutilo e original, polido sempre; o vasto enthusiasmo que punha em defender ou glorificar os grandes homens seus contemporaneos; o visil patriotismo que lhe inspirava a penna; o suave e irresistivel encanto do seu trato e sobretudo os eminentissimos dotes do seu coração fizeram-o popular como cidadão e como jornalista.

Vae para um anno encetou Ferreira de Menezes a publicação da *Gazeta da Tarde*, arena brilhante onde valentemente se bateu pela libertação dos escravos, com tal arrojo, desinteresse e porfia, que de direito lhe cabia o titulo de chefe do partido abolicionista do Brazil.

Felizes os que, como Ferreira de Menezes, são colhidos de improviso pela Morte, no ardor da refrega, com as armas do combate ainda nas mãos felizes!

HORAS DE OCIO

Não foram numerosos os concurrentes para o premio d'esta vez. Apenas recebemos 27 decifrações das quaes umas traziam uma solução certa e outras duas, porém nenhuma nos veio com as tres justas: fica portanto o mesmo premio para a decifradora dos tres problemas que hoje damos a resolver.

A decifração dos do ultimo numero é:

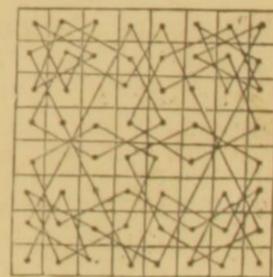
13. R A R O
A T A R
R A T A
O R A R

combinação engenhosissima por isso que não sómente as palavras de que se compoem são ligiveis de cima para baixo e da esquerda para a direita, como tambem de baixo para cima e da direita para a esquerda.

14. A letra M.

Este desenho representa as linhas symetricas seguidas pelo cavalheiro e formando os versos:

15.



E as breves
Phalenas
Vão leves,
Serenas,
Em bando
Gyrando,
Walsando
Voando
No ar.

CASTRO ALVES—O balie na flor.

São os seguintes os tres novos problemas a premio.

16. Enigma

Comunicação do nosso assignante o Sr. Santos Netto.

Buscae duas palavras que exprimam sentimentos divinos, escrevendo-se com as letras seguintes.

Z E E D D
A A D V N
L O A B M

17. Lexicologia

Formai o nome de um Brasileiro Ilustre colhendo um Syllaba em cada uma das palavras seguintes:

Casebre, Facioso, Desejoso, Alfice, Rebolo, Bonito.

18. Problema geometrico

Traçae uma circumferencia e em 2 traços de penna, divide a sua superficie em oito partes

NEM.

N. B. A correspondencia relativa a esta secção deve ser dirigida a NEMO, no escriptorio da redacção deste jornal.